

O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações  
humanas: das revoltas no Oriente Médio  
às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil

*Fernando Jacinto Anhé Santos<sup>1</sup>*

## RESUMO

O presente texto aborda a utilização das infovias da informação como ferramentas para grandes mobilizações humanas, que deram origem às revoltas populares em países do Oriente Médio. Aborda os conceitos que definem o ciberativismo e sua utilização por movimentos civis organizados em tempos de revoluções e também de paz, na defesa dos Direitos Humanos, como aconteceu no caso da iraniana Sakineh Ahstiani, condenada à morte por apedrejamento. Dedicar-se especialmente ao estudo de caso do ciberativismo no Brasil, a partir do Greenpeace.

**Palavras-chave:** Ciberativismo; Revoltas Populares; Sakineh; Brasil; Greenpeace

## Introdução

O mundo foi surpreendido, em 2011, por uma série de revoltas em países do Oriente Médio, iniciadas principalmente por jovens, que conseguiram mobilizar-se e reunir multidões em praças públicas, pedindo a saída de governantes – muitos deles verdadeiros tiranos – que estavam há décadas no poder. Foi assim na Tunísia, no Egito, no Iemên, no Emirado do Qatar e mais recentemente na Líbia do ditador Muamar Kadafi.

Um dos casos mais sintomáticos foi o do Egito, onde a imprensa mundial atribuiu o início da revolta à mobilização de jovens pela internet. Segundo a agência de notícias francesa France Presse<sup>2</sup>, foram jovens do Movimento 6 de Abril, contestadores do poder

---

<sup>1</sup> Aluno do curso de Marketing da Universidade Anhembi Morumbi (campus Avenida Paulista)

<sup>2</sup> Movimento antiMubarak teve início na internet. France Press. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/867363-movimento-antimubarak-teve-inicio-na-internet.shtml>. Acesso em: 28 de janeiro de 2011.

do presidente Hosni Mubarak, que conseguiram tirar as manifestações da realidade virtual e transportá-las para as ruas, através de grandes mobilizações.

Segundo a agência:

O nome do movimento evoca as jornadas de abril de 2008, quando milhares de egípcios manifestaram através da internet sua solidariedade com os trabalhadores do delta do Nilo que protestavam contra aumentos de preços. O grupo que começou a trocar mensagens na rede social Facebook ampliou-se rapidamente através da internet. O Movimento do 6 de abril surgiu sem filiação a nenhum partido político e ganhou seus primeiros adeptos entre jovens com bom nível de instrução, que se vestiam de preto em sinal de protesto contra o poder.

A pregação dessa juventude do Facebook foi ganhando aceitação em grupos que representam setores pobres da população, como o movimento 'Kafaya' (Basta!), que organizou as primeiras manifestações em dezembro de 2004. Também ganhou o apoio de membros de partidos de oposição, incluindo a poderosa confraria dos Irmãos Muçulmanos. O grupo teve novo impulso com a revolta popular que pôs fim ao regime do presidente tunisiano Zine El Abidine Ben Ali e convocou seus 86 mil membros registrados na internet a se mobilizarem

O resultado foram as grandes mobilizações que reuniram milhares de pessoas na praça Tahrir. Ao perceber que o chamamento pela internet dava resultados cada vez mais avassaladores, repercutindo também em cidades do interior do país, o governo egípcio optou pela solução sem precedentes: bloqueou a internet, numa tentativa desesperada de conter a revolta.

Em resposta ao bloqueio, a Google entrou na crise política e anunciou, no início de fevereiro, a criação de uma forma de acesso ao Twitter pelo telefone. A empresa SayNow, especializada em plataformas de voz na internet, abriu a possibilidade para que qualquer pessoa pudesse 'twitter' deixando uma mensagem em três números telefônicos. As mensagens de voz deixadas nos telefones foram convertidas instantaneamente em mensagens de texto e disponibilizadas no Twitter na conta "#egypt".

Em 11 de fevereiro, depois de já ter transferido anteriormente o poder para o vice-presidente e representantes do exército, tentando ganhar tempo, o ditador Hosni Mubarak renunciou oficialmente à presidência do Egito, após três décadas no poder. Deu-se início, então, a uma gigantesca comemoração nas ruas do Cairo e em especial na praça Tahrir, ponto principal dos protestos que já se arrastavam por 18 dias. O mesmo tipo de mobilização se espalhou em seguida pelo Iêmen e Líbia.

## Ciberativismo e o caso Sakineh

Na prática, o que aconteceu nessas revoltas foi a mobilização, pela primeira vez, de milhares de pessoas pela Internet, deixando claro a possibilidade de organização e do chamado ciberativismo.

Entende-se por ciberativismo a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados (VEGH, 2003, p.71), com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede (GURAK, LOGIE, 2003; MCCAUGHEY, AYERS, 2003).

Em *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*, o autor André Lemos defende que

o que chamamos de novas tecnologias de comunicação e informação surge a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte – o computador – de diversas formatações de mensagens. (2004, p.68).

Ainda segundo Lemos:

Essa revolução digital implica, progressivamente, a passagem do mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa e o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos). (2004, p.68).

O Ciberativismo chega ao Brasil em meados de 1990, com o avanço da internet e a entrada de ativistas políticos, sociais e ambientalistas na rede. Para os ciberativistas o uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que na maioria das vezes não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste. Com isso a rede se torna um espaço “público” em que os ativistas podem se manifestar, otimizando o impacto de suas idéias.

Apesar de parecer muito simples, e de depender apenas de um clique, o ciberativismo - que nasce com a entrada de ativistas na rede -, vem com uma proposta de conscientização através da internet. Na maioria dos casos uma movimentação que começa na internet e acaba nas ruas. E para isso não basta apenas o ciberativista, mas o ativista “real” também.

Hoje, o ciberativismo oferece uma série de canais e ferramentas para quem deseja abraçar uma causa. Com um clique é possível plantar uma muda de árvore no Brasil, enviar um e-mail direto ao primeiro ministro do Iraque, ingressar em uma regata rumo a

Guantánamo, assinar uma petição contra o desmatamento da Amazônia, enviar sua foto em uma campanha mundial contra o desarmamento ou organizar uma manifestação em praça pública de um milhão de pessoas.

O ciberativismo não é uma ferramenta somente para promover revoluções e derrubadas de regimes ditatoriais. Ele tem sido utilizado também para mobilizar multidões em todo o mundo para causas diversas, principalmente as ecológicas e defesa dos direitos humanos.

Um desses casos recentes é o da iraniana Sakineh Ahstiani. Um vídeo, sem muito recurso, rodado em São Paulo, por Sérgio *Glasberg*, mostrava sua esposa Mika Lins falando sobre uma mulher iraniana chamada Sakineh, que era acusada de trair o marido e por isso seria apedrejada. A campanha para salvar a mulher já contava com mais de 500 mil ativistas em todo o mundo. No Brasil, a divulgação desse vídeo mobilizou milhares de internautas e criou a campanha “Liga Lula”. Na época o então Presidente do Brasil Luiz Inacio Lula da Silva mantinha relações comerciais e políticas estreitas com o Irã e com seu presidente Mohammed Armadinejad.

No começo o presidente Lula, por questões comerciais e também por respeito a soberania nacional do Irã, chamou a campanha de avacalhão. Mas, no mesmo ano, ele teria como candidato a sua sucessão uma mulher e em pouco tempo blogs, redes sociais e sites aderiram à luta e a campanha cresceu.

Pouco tempo depois o presidente Lula decidiu aderir a campanha e ligar para o presidente do Irã pedindo para que não matassem Sakineh. O Irã como a maioria dos países teocráticos tem leis muito rígidas no que desrespeito a desobediência de uma lei que também é religiosa.

Após a ligação de Lula, Sakineh – que também foi acusada de planejar a morte de seu marido -, teve a pena de apedrejamento suspensa, mas ainda poderá ser enforcada, segundo as leis iranianas. O caso ainda não tem conclusão e Sakineh aguarda julgamento.

Na defesa do meio ambiente, o ciberativismo é também uma ferramenta fundamental para as ações do Greenpeace, uma organização não governamental de alcance mundial. A ONG, cujo nome em inglês significa “Paz verde” é famosa em todo o mundo pelos protestos ousados e criativos de seus voluntários e pelas discussões ambientais polêmicas sobre o aquecimento global, transgênicos, caça às baleias e preservação da Amazônia entre outras tantas lutas.

Utilizando-se do ciberativismo a ONG conseguiu várias vitórias no Brasil.

Foi por meio da internet que o Greenpeace colaborou, por exemplo, para a criação da "Moratória da Soja", em 2006. Um ato que conseguiu impedir a comercialização da soja cultivada em áreas de desflorestamentos na região amazônica. Por meio das filiais européias da ONG, foram enviadas cópias do relatório "Comendo a Amazônia" para pressionar a rede McDonald's, que na época comprava soja cultivada na região pela Cargill.

A ação resultou em um acordo entre o McDonald's e a Cargill para que, durante dois anos, não se plantasse soja na Amazônia, que é um dos principais vetores de desmatamento da floresta.

Em questionário<sup>3</sup> elaborado durante o trabalho de Iniciação Científica e enviado ao Greenpeace a entidade esclarece que começou a fazer o uso do ciberativismo por: "falta de recursos para ações offline e o crescimento rápido do uso das redes, em especial Orkut e petições online pelo mundo."

Segundo o Greenpeace, a utilização dessa ferramenta começa em 1998 com o lançamento de seu site; em 2004, com a entrada da entidade no Orkut, as ações online se multiplicar às dezenas. Hoje o Greenpeace está presente em quase todas as redes sociais como: Facebook, Orkut, Twitter entre outras.

Na página da ONG no Brasil ([www.greenpeace.org](http://www.greenpeace.org)) os internautas podem assinar petições online, encaminhar e-mails do Greenpeace para amigos, publicar notícias, vídeos e petições em blogs, sites e redes sociais, comentar notícias e iniciar debates e fóruns sobre as campanhas promovidas pelos ecologistas.

Quando perguntada quais são os princípios básicos do ciberativismo para o Greenpeace no Brasil, a entidade responde que:

*"Os ciberativistas são fundamentais para realizar mobilizações online, potencializar a exposição das campanhas online e offline e ampliar o número de colaboradores. As ações propostas estão alinhadas a visão atual do Greenpeace na web 2.0 que tem como diretrizes inspirar, mobilizar e dar poder às pessoas. Para que isso seja alcançado, o desafio é estabelecer uma relação mais próxima e de confiança com os ciberativistas, buscando apagar a distinção entre o que o Greenpeace faz e o que os ciberativistas estão fazendo. Para diminuir essa distância, priorizamos uma comunicação*

---

<sup>3</sup> Questionário respondido pelo Greenpeace, pela assessora de imprensa da entidade, Laura Fuser, em 24/03/2011.

*semanal (Boletim de Colaboradores) que reflete paixão, urgência e esperança, que conte histórias, mantenha os internautas ativos e que forneça ferramentas interativas de mobilização.*

*A ideia é inspirar pessoas e incentivar formas de mobilização online, fáceis de replicar, para que elas ajam individualmente, de forma rápida e urgente, e em conjunto por um planeta mais justo e mais pacífico para as futuras gerações. Assim, buscamos reverter cada ciberativista em um agente multiplicador, transformando a vontade de participar em ações concretas que podem ser a assinatura da petição online, a replicação de nossos comunicados, a participação em um flashmob ou a colaboração financeira para o Greenpeace.*

*Quando o trabalho é feito com todos os departamentos, em conjunto e em sintonia, potencializamos os resultados. Adicionalmente, é primordial que as campanhas incluam formas de ativismo online dentro do planejamento anual.”*

## Referências Bibliográficas

- ANTOUN, Henrique. **Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia.** In: Revista Famecos, Porto Alegre, nº16, 2001.
- CHARLAB, Sérgio. **Você e a Internet no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede - A era da informática: economia, sociedade e cultura.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1999.
- DUARTE, Adriano Rodrigues. **Comunicação e Cultura – a experiência cultural na era da informação.** 2ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- GURAK, L. J. and LOGIE, J. **Internet protests, from text to web.** In: MCCAUGHEY, AYERS, M.D. (ed.). *Cyberactivism: online activism in theory and practice.* London: Routledge, 2003.
- LEMONS, André. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2008. 4ª ed.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- NEGROPONTE, Nicholas. **Vida Digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VEGH, S. **Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank.** In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). *Cyberactivism: online activism in theory and practice.* London: Routledge, 2003.

## SITES

<http://www.greenpeace.org/brasil/>

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/776265-lula-ira-e-uma-incrive-licao-de-midia.shtml> (Visita ao site: 02 de agosto de 2010 as 09:30)

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,ira-rejeita-proposta-desinformada-de-asilo-feita-por-lula,589707,0.htm> ( Visita ao site: 03 de agosto de 2010 as 11:00)